

## "ISTO É MUITO FÁCIL!"

O coração de Pelagia quase parou quando ela ficou sabendo que pela primeira vez seria uma professora. Foi em uma aldeia chamada Collota, situada lá no alto das montanhas, na Cordilheira dos Andes. Em tempos passados, este lugar servia de esconderijo para ladrões de cavalos e contrabandistas de gado. Conhecedora desta história, foi com medo e temor que Pelagia caminhou várias horas, desde o lugar onde morava, subindo as montanhas cada vez mais altas, indo pela antiga estrada dos Incas, construída em escadas e degraus cravados nas rochas lodosas e com íngremes subidas bem perigosas. Em um cenário assim deslumbrante foi que ela começou a trabalhar na difícil arte de ensinar. Mas, por outro lado, a sala de aula era fria e escura e o piso muito sujo. O quadro-de-giz era uma camada de cimento rachado e encravada na parede.

A frequência dos alunos era muito baixa. Embora Pelagia fosse falante nativa da língua Conchucos Quechua, foi obrigada a ensinar em espanhol. Ela pôs-se a pensar: como é possível que os alunos progridam, se são ensinados em espanhol e não em sua língua materna?

Em busca de soluções, Pelagia entrou em contato com uma das equipes da SIL que atuava em projetos de alfabetização na língua Conchucos Quechua. Reuniu-se com a equipe e esta a ensinou ler na língua materna dela, Quecha. "É muito fácil! Eu não sabia que alguém pudesse, ao mesmo tempo, ler e entender aquilo que lia!", exclamou ela.

Aquela equipe da SIL elaborou materiais de alfabetização na língua Quechua, e Pelagia os levou consigo porque ela queria ensinar os alunos a ler nesta língua. Tal decisão gerou protesto de alguns pais que pensavam ser a língua espanhola a chave para o progresso de seus filhos, e não a língua quechua. Porém, Pelagia os convenceu de que a verdadeira chave para o progresso é a própria aprendizagem! Uma vez que os alunos aprendessem a ler em Quechua, ela poderia construir uma ponte entre a língua materna e a língua oficial. E ao concluírem a quarta série estariam aptos para começar a aprendizagem em língua espanhola, para se tornarem bilíngües. Pelagia Mendonza é uma pessoa tímida. Por isso, ela decidiu a ajudar seus alunos para que eles não enfrentem as mesmas dificuldades que ela viveu na infância ao frequentar a escola.



Em Collota e em aldeias vizinhas - onde preparou professores para ensinarem na língua Quechua - muitas vidas foram modificadas e beneficiadas pelo trabalho realizado por Pelagia.

Em 2003, a professora Pelagia trabalhou com 40 alunos (da primeira à quarta série) além de supervisionar a classe de jardim da infância com 12 alunos. Em dezembro deste ano, seis alunos colaram grau. Um dos mais antigos foi aceito para cursar uma Universidade na cidade de Lima. Ele é o primeiro estudante natural de Collota a ingressar em uma Universidade. A comunidade inteira se alegra pelo trabalho precioso que a professora Pelagia tem realizado pelo bem comum. Em nossos dias, Collota é um lugar diferente. Nunca mais foi abrigo de ladrões e esconderijo de contrabandistas de gado. A população local entende que a alfabetização e a educação continuada são recursos para que todos vivam bem e com melhor qualidade de vida. Quase todos se empenham a fim de melhorar a produção agrícola, a escolaridade dos filhos e a preservação de seus direitos de cidadãos peruanos.

**"Saber ler em Quechua os faz sentir iguais aos demais seres humanos. Dá-lhes o valor inerente de cidadãos. Por isso, sabem que são dignos à semelhança das outras pessoas conhecidas e desconhecidas para eles," diz Pelagia Mendoza.**

**Em Língua Vivas (faladas) no Peru, página 92.**